

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HISTÓRIA DAS ARTES PLÁSTICAS NO AMAZONAS: 1960-1965

Bolsista: Bráulio Menezes Alves

Manaus

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/0043/2011

HISTÓRIA DAS ARTES PLÁSTICAS NO AMAZONAS: 1960-1965

Bolsista: Bráulio Menezes Alves

Orientador: Otoni Moreira de Mesquita

MANAUS

2012

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
JUSTIFICATIVA.....	06
OBJETIVOS.....	07
METODOLOGIA.....	07
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
DESENVOLVIMENTO.....	12
FONTES E REFERÊNCIAS.....	14
CRONOGRAMA.....	16

INTRODUÇÃO

Este relatório parcial tem como objetivo apontar os caminhos percorridos até o momento demonstrando a relação dos dados colhidos e analisados com o tema abordado. Faz um apanhado das fontes e obras relevantes que fizeram parte da construção do conhecimento no corte cronológico pesquisado.

A história da cultura amazonense apresenta grandes lacunas, sobretudo, na área das artes. Nas últimas décadas surgiram alguns ensaios sobre música, cinema e teatro, desenvolvidos na região, mas a história das artes plásticas continua pouco investigada e esclarecida, mesmo sobre eventos e produções mais recentes.

Este trabalho de pesquisa se propõe dar continuidade ao levantamento sobre as artes plásticas no Amazonas, pretendendo identificar e discutir a produção artística local. Entretanto, convém ressaltar que o corte cronológico considerou que acontecimentos nacionais e regionais ocorridos no decorrer da década de sessenta provocaram mudanças consideráveis no contexto local, promovendo grandes transformações socioculturais na capital e na região. Apesar de se tratar de um período histórico mais recente e com grandes possibilidades de obter informações dos próprios participantes dos eventos, manteve-se pouco explorado pela investigação acadêmica.

Nos primeiros anos da década de 1960, a política brasileira foi desestabilizada e os militares, assumiram o poder, a partir de 1964. No bojo das políticas assumidas, destaca-se a preocupação em ocupar e controlar a Amazônia ao território nacional, com o lema: *Integrar para não Entregar; e Amazônia é Brasil*. Entre outros projetos adotados pelo governo militar, pode-se destacar a abertura da grande rodovia Transamazônica (ainda inacabada), e a implantação da Zona Franca de Manaus, baseada em princípios de um desenvolvimento discutível, mas garantia uma oferta compulsória de ofertas de trabalho na capital. O comércio e a indústria ganhavam grandes estímulos com a isenção de impostos e o livre comércio. Manaus tornava-se um centro comercial de produtos importados, atraindo turistas para as compras e para o potencial turístico que voltava a ser valorizado pelo Estado através do Departamento de Turismo do Estado – DEPRO, responsável por uma série de eventos de valorização da cultura e da produção artística local.

A vida cultural em Manaus passou a apresentar algumas mudanças consideráveis em seus usos e costumes: sua população estava em processo de ampliação, com a introdução de elementos oriundos de outras regiões do país. Isso provocava mudança nos usos e costumes regionais, sobretudo, pelo impacto causado pela introdução dos canais de televisão, que ocorreram no final da década de 60. Ainda que inicialmente a programação televisiva não fosse simultânea com a rede nacional, não se pode negar que seus efeitos atualizavam e modificavam não somente os

costumes, mas também o vocabulário e as idéias. Além disso, não se pode ignorar que a expansão do comércio e os primeiros ensaios da indústria contribuíam, vivamente, para a implantação de um novo ritmo para o cotidiano. Sendo assim, é incontestável o papel assumido pela televisão sobre a mudança de hábitos locais, entre outras mudanças causou o fechamento dos dez cinemas que havia na cidade, por falta de espectador.

No aspecto urbano, destaca-se a demolição da Cidade Flutuante (um bairro inteiramente flutuante, localizado nas imediações da escadaria dos Remédios) e o surgimento dos primeiros conjuntos habitacionais, construídos pelo Banco Nacional de Habitação, o que expandiu os limites da cidade arrasando as áreas dos balneários (os banhos), lazer tradicional da população. Todavia, até o final da década de sessenta, a cidade mantinha grande parte do aspecto arquitetônico de seu centro histórico ainda preservado, mesmo que novas edificações já apontassem uma tímida tendência para o crescimento vertical da cidade.

Neste novo contexto, crescia o interesse pelas artes em geral. Apesar das dificuldades promovidas pelo distanciamento geográfico e pela censura imposta pelo governo militar, a produção artística parecia ganhar maior espaço, por meio da promoção de eventos culturais (exposições em espaços públicos (praça da Polícia, praia da Ponta Negra, Feiras de Cultura do Serviço Social do Comércio – SESC, hall de bancos e outros locais alternativos). Assim como as artes plásticas os mais variados segmentos artísticos, teatro, música, cinema, fotografia também começaram a se destacar no contexto cultural local.

Na história da arte ocidental durante a década de 1960, podemos destacar o surgimento da pop arte americana que influenciou sobremaneira o olhar para o significado até então institucionalizado das artes visuais. Para Umberto Eco, na arte pop um objeto da sociedade de consumo que contém significados concretos de propaganda comercial e de representação funcional reveste-se de novo significado pelo próprio fato de apresentar o produto tanto isolado como etiquetado, porém sempre evidenciado segundo o procedimento já típico da arte Dadá.

A contradição da cultura pop nos revela o desejo de romper com velhos padrões disseminados como arte para as minorias elitizadas, que na verdade é reflexo dos questionamentos feitos por Marcel Duchamp na primeira metade do século XX.

A arte passou a ter um significado muito mais amplo convertendo e subvertendo a função dos objetos de uso banal, contextualizados em objetos estéticos com certa beleza. Os artistas colhiam temas diretamente da cultura popular, retornando aos temas pictóricos figurativos, mas que estava longe de ser um retorno à tradição. Com isso a arte pop elevou a ícones os mais banais objetos da cultura de massa como hambúrgueres, latas de sopa, louças sanitárias, etc.

No âmbito nacional o tropicalismo surge com outra reflexão sobre o antropofagismo, influenciado pela arte pop. Artistas como Hélio Oiticica, Lígia Clark e Ligia Pape, foram pioneiros nas artes participativas no Brasil, inserindo o espectador como co-autor da obra de arte.

Enfim, na década de 1960 inicia-se uma reflexão da arte moderna que vai culminar na arte conceitual, fragmentando cada vez mais as possíveis vertentes e tendências nas artes visuais.

Para as gerações mais recentes e detentoras de um mínimo de informação sobre a história das artes plásticas local, a produção deste período foi um marco significativo na produção local, não somente pelo aspecto pioneiro dos artistas que aturam naquele momento, mas, sobretudo, pelo aparente destaque que as manifestações artísticas passaram a ter no cenário local.

Apesar desse recorte histórico mais recente, faz-se necessária a realização de uma investigação para se localizar e identificar parte da produção realizada neste período. Isso se justifica pelo fato de muitas obras produzidas nessa fase se manterem praticamente desconhecidas, restrita a acervos particulares. Por outro lado, pode-se destacar a existência de um conjunto significativo desta produção em exposição no acervo da Pinacoteca do Estado. Outra parte dessa produção encontra-se distribuída nos Centros Culturais Palácio Rio Negro, Palácio da Justiça e Palácio Rio Branco, além de várias outras repartições públicas do Estado e na reserva técnica do Atelier de Restauro da Secretaria de Cultura.

Numa breve análise desta produção, é possível perceber uma clara tendência figurativa, estilisticamente comprometida com os movimentos impressionista e expressionista, além das tendências regionalistas para uma pintura ingênua. A predominância de temática regionalista é sugerida pela representação das paisagens amazônicas, destacando o rio, a floresta, a fauna e a flora. A figura humana masculina é frequentemente representada por trabalhadores típicos da região, principalmente os ribeirinhos: canoeiro, pescador, seringueiro, juteiro e em outras atividades. A figura feminina era quase sempre apresentada pela imagem da cabocla sensual, isolada ou integrando grupos, muitas vezes representando mitos regionais.

Alguns artistas que participaram de variados eventos na época ainda atuam no meio artístico local, sendo possível notar suas influências sobre a produção mais recente. A obra destes artistas merece investigação especial, sobretudo, pela possibilidade do contato direto que ainda é possível com artistas como Moacir de Andrade, Van Pereira, Oscar Ramos, Mário Toledo, Jair Jacqmont e alguns outros.

JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa acadêmica ganha maior relevância perante as grandes lacunas existentes na historiografia da arte local, cujas fontes documentais (periódicos e outros impressos) encontram-se dispersas em acervos de acessibilidade limitada. A precariedade das condições de conservação dos acervos locais, assim como a ausência de especialistas em sua manutenção indica a fragilidade destas fontes. Portanto, se faz necessário uma investigação urgente deste material que se encontra em risco. Além disso, destacamos a idade avançada de artistas e outras personalidades que atuaram naquela época e que podem conceder depoimentos e entrevistas sobre diversos aspectos da produção de artes plásticas nos anos sessenta, em Manaus. Além disso, é evidente o crescente demanda e interesse pelo tema por parte de professores, jornalistas e estudantes, das mais diversas áreas do conhecimento que, com frequência, buscam referências para a realização de trabalhos escolares, matérias jornalísticas e outros estudos acadêmicos. Por isso, é possível prever que os resultados obtidos com a pesquisa aqui proposta poderão auxiliar a realização de futuros projetos sobre as artes plásticas no Amazonas durante dos anos sessenta.

Neste sentido, acreditamos que o levantamento das informações localizadas nos periódicos e entrevistas, assim como a identificação e catalogação de obras e artistas possam integrar um significativo conjunto de dados que após a sistematização podem fornecer elementos capazes de embasar com profundidade uma análise da produção deste período. Portanto, acreditamos que esta pesquisa possa se constituir numa relevante contribuição para o estudo da História das Artes Plásticas no Amazonas. Cujos resultados poderão ser disponibilizado em um banco de dados, atendendo a demanda existente e ampliando a abertura de novos horizontes.

Sendo assim, o levantamento da produção de artes plásticas no Amazonas durante a década de 1960 poderá compor um conjunto de dados, não somente para investigar e discutir a história, mas também para compreender um pouco mais sobre as tendências da produção contemporânea e possíveis vinculações com o contexto nacional e internacional.

Daí porque é de extrema urgência promover o levantamento de dados sobre os mais diversos assuntos nas coleções de jornais pertencentes à Biblioteca Pública do Amazonas, (o próprio meio-ambiente, as condições de conservação e manutenção deste material, a falta de preparo de bibliotecários e outros agentes que poderiam tratar adequadamente esta relevante fonte histórica) é muito mais intensa do que as intenções dos pesquisadores.

OBJETIVOS

GERAL: Realizar uma pesquisa sobre o acervo das artes plásticas no Amazonas, referente ao período de 1960 a 1965, buscando investigar variadas fontes (obras artísticas, matérias jornalísticas, depoimentos, documentos, catálogos, entrevistas pessoais etc.), no sentido de identificar e mapear a produção local com o objetivo de discutir e compreender a história das artes plástica no Amazonas, cujos resultados deverão ser sistematizados num banco de dados, possibilitando uma análise crítica e orientadora, atendendo à demanda existente no presente e as futuras gerações.

ESPECÍFICOS: Coletar subsídios que permitam mapear e discutir a produção de artes plásticas em Manaus, durante a primeira metade da década de 1960.

Promover o levantamento de dados através de periódicos e outras publicações, além de entrevistas e levantamento de acervos.

Organizar as informações contidas nos jornais da época, assim como outras publicações concernentes ao período.

Criar um banco de dados sobre a produção e artistas que atuaram em Manaus na referida década para auxiliar futuros trabalhos de pesquisa na área, orientando estudantes e profissionais da área de jornalismo que frequentemente debatem-se em busca de dados relacionados a produção artística deste período.

Analisar a produção local relacionando-a com o estilo predominante no cenário nacional.

Exercitar o estudo e a prática da história e da crítica da arte.

METODOLOGIA

A presente investigação acadêmica está sendo desenvolvida a partir do levantamento de fontes e obras referentes ao corte cronológico estabelecido. Todavia, partimos de uma abordagem mais geral, procurando localizar e identificar as tendências que predominavam no cenário das artes plásticas brasileira naquele momento. Em seguida, foi realizada uma revisão resenhada de cinco trabalhos publicados sobre artistas amazonenses: 1. Livreto “Afrânio Castro - o quadro sem retoques”, de autoria de Arthur Engrácio, publicado em 1992 pelas Edições Governo do Estado do Amazonas; 2. Artigo “Cores de um meteoro”, de Otoni Mesquita, publicado na Revista Somanlu nº 1, editada em 2000, pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM; 3. Livro “Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense”, de Lara Nuccia Guedes da Silva, publicado em 2003 pela Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas; 4. Catálogos de Moacir Andrade, publicado em 1974 pela imprensa Oficial do

Estado do Amazonas; 5. Catálogo de Hahnemann, publicado em 1981 pela fundação Cultural do Amazonas.

Foi realizada a consulta e fichamento dos periódicos, que deverão ser complementados com informações provenientes de entrevistas com artistas e outras personalidades que, de alguma forma, atuaram no período.

O próximo passo que atende ao cronograma apresentado é sistematização dos dados com análise e comparação das obras, procurando identificar suas vinculações com as questões regionais, assim como sua atualização com o contexto nacional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Até o momento deste relatório foram levantadas fontes diversas nos contextos mundial, nacional e regional fomentando uma visão geral dos acontecimentos que fizeram parte do corte cronológico pesquisado. É importante destacar a escassez da produção literária local sobre o tema abordado em comparação com o contexto nacional e internacional.

A produção de conhecimento vinculada as artes plásticas ainda é pouco apreciada pelos estudantes e pesquisadores, apesar de ser uma rica contribuição para a sociedade em geral evidenciar o legado que os artistas que participaram da construção da cultura local deixaram durante este curto período que está sendo investigado.

Partindo do contexto regional é interessante apontar, como fundamentação teórica para o desenvolvimento do tema até o momento, trabalhos publicados sobre artistas amazonenses: 1. Livreto “Afrânio Castro - o quadro sem retoques”, de autoria de Arthur Engrácio, publicado em 1992 pelas Edições Governo do Estado do Amazonas; 2. Artigo “Cores de um meteoro”, de Otoni Mesquita, publicado na Revista Somanlu nº 1, editada em 2000, pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM; 3. Livro “Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense”, de Lara Nuccia Guedes da Silva, publicado em 2003 pela Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas; 4. Catálogos de Moacir Andrade, publicado em 1974 pela imprensa Oficial do Estado do Amazonas; 5. Catálogo de Hahnemann, publicado em 1981 pela fundação Cultural do Amazonas.

Nesse período de efervescência nos mais variados âmbitos sociais, desde a revolução tecnológica até o golpe militar de 64, as artes plásticas refletiram a ansiedade da juventude que já não se contentava com apenas uma opinião, queria buscar algo novo além da fronteira das instituições, quebrando paradigmas e tabus para encontrar uma nova linguagem que se adequasse ao seu tempo, que poderia ser representado por uma palavra: “Contestação”.

Contextualizando o período estudado, Veja (1969), aponta este como um dos capítulos mais dramáticos e gloriosos, pungentes e contraditórios que a história da humanidade já escreveu. São os anos em que o espírito humano construiu, destruiu e reconstruiu tudo: o nosso universo e as nossas medidas; o modo de vestir e de amar; os mitos e valores; crenças e incredulidades.

No mundo todo explodiram as mais variadas formas de entender o mundo, que trouxeram muitos avanços tecnológicos, sociais, políticos, mas que também trouxeram muita inquietação: desde a revolução tecnológica, que teve o seu apogeu na medicina e conquista da lua pelos americanos, passando pela revolução sexual e cultural, até as passagens mais difíceis destes anos fascinantes, as guerras, a miséria e a fome, que apesar de toda evolução da humanidade, ainda perduraram.

Nas artes plásticas, como reflexo que é de toda atividade humana, “arrebentamos a estética em busca de uma linguagem nova, enterramos formas de ontem e ressuscitamos o passado, criamos todos os meios de comunicação e de incomunicabilidade.”(VEJA. 1969)

No estado do Amazonas, mais precisamente na sua capital Manaus, a cultura local sai de um marasmo de décadas, apenas poucos artistas movimentam a cena das artes plásticas. Nomes como de Moacir de Andrade, Anísio Melo entre outros realizam exposições na capital e em outras cidades brasileiras como Rio de Janeiro e Brasília.

Nesse período surgem artistas com trabalhos relevantes como Hahnemann Bacelar e Afrânio de Castro, que trouxeram para Manaus o espírito inquietante do homem de seu tempo. No artigo Cores de um Meteoro, Otoni Mesquita faz um breve estudo sobre a obra de um dos maiores representantes do período estudado, no estado do Amazonas, Hahnemann Bacelar.

Segundo o autor, sintetizando a biografia do artista Hahnemann Bacelar, após morte prematura, surgiram versões controvertidas sobre a sua vida e personalidade, aborda que pouco foi estudado sobre a produção deste artista. Segundo Otoni, Hahnemann foi orientado pelo gravador Álvaro Pascoa, e que seu trabalho era bem aceito pela classe artística e ganhava espaço. (Mesquita, 2000, pag. 185)

Mesmo o contexto temporal de algumas obras apresentadas no artigo está um pouco além da delimitação do estudo pretendido com a pesquisa, mostra que a obra deste artista é digna de um estudo mais aprofundado. Em rápida análise de algumas obras de Hahnemann o autor desvenda alguns aspectos formais que caracterizam a sua produção.

Os traços expressionistas são os mais evidentes, com cromatismo vibrante e contornos bem definidos, além de escolher o tema social e amazônico, o artista parece buscar uma essência permanente em sua obra, o caráter psicológico, que se harmonizam nas tensões visuais criadas pelo artista.

Para Álvaro pascoa, Hahnemann foi o artista amazonense mais genuíno, porque não houve outro que tivesse as raízes tão profundamente entranhadas na terra. (PÁSCOA, 1981. Pag. 01)

O tema telúrico já era evidente em suas primeiras obras. A ingenuidade faceira das moças do interior como o bolício desbragado das meninas da Frei José dos inocentes, eram tratados com a mesma leve ironia e tocante ternura de quem é da mesma gente. (PÁSCOA, 1981. Pg. 01)

Segundo Páscoa (1981), as obras de hahnemann, neste período se encontravam muito dispersas, por isso foi impossível fazer um álbum completo da arte de Hahnemann, foi feito apenas com desenhos do seu caderno de apontamentos.

As pinturas e desenhos de Hahnemann eram considerados Simples, com uma economia extrema de pormenores, mas de uma força telúrica intensa. Às vezes de modo grotesco, irreverente, mas sempre marcadas pelo gesto ancestral . (PÁSCOA, 1981, pag. 02).

Márcio de Souza define a pintura de Hahnemann, como um retorno a tragédias esquecidas. “naquele amarelo constante e quase sempre erótico, finalmente repugnante, Hahnemann reencontrou a agonia da Amazônia.” (SOUZA, 1981. pg. 02)

“Cafuné”: o amarelo é o desejo representado e apenas envolvente pela presença das curvas obesas que delimitam os corpos, mergulhados como atores em transe que se entregam ao pleno reconhecimento dessa paixão incontrolável, ao mesmo tempo agressiva e inocente, exterior e quente. (Idem)

Analisando o livro Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense de autoria de Lara Nuccia Guedes da Silva, percebi que a obra é pouco útil para nossa pesquisa pois não trata dos elementos formais da produção local, dirigido apenas à biografia dos artistas. É um livro que tem o título voltado para pintura e não é apresentado nenhuma análise das obras dos artistas para se identificar e apontar as tendências contemporâneas da pintura amazonense.

Vou aproveitar apenas os nomes dos artistas que produziram no período estudado (1960-65)
Adhemar Guerra, Afrânio de castro, Anísio Melo, Etc.

No livro de Arthur Engrácio, O Quadro sem retoque, o autor relata que a obra não é a rigor uma biografia de Afrânio de Castro, mas um emocionado relato do convívio com o controverso artista. Ora pautado no largo anedotário que foi relatado no capítulo atribuído ao folclore em torno do prosaico pintor, escultor, gravador e poeta, ora no depoimento de muitos amigos e admiradores ilustres que conviveram com Afrânio.

Apesar de não fazer nenhuma análise mais profunda da obra de Afrânio, Engrácio ensaia algumas linhas que caracterizam superficialmente a obra plástica do artista.

“Tendo convivido muito tempo nos grandes centros culturais e artísticos, como São Paulo, Rio de Janeiro e ultimamente em Brasília, Afrânio teve oportunidade de aprimorar a sua arte, adquirindo uma técnica evoluída e um estilo e todo pessoal. Sua obra, como não poderia

deixar de ser, é toda de vanguarda, avançada, já havendo sensibilizado um sem número de críticos e entendidos em arte, em todo o País, ao mesmo tempo em que influenciou vários pintores surgidos no Amazonas, ultimamente. (ENGRÁCIO, 1992 pag. 29)

Segundo a análise do autor, a obra de Afrânio denota uma concepção profundamente realística, possui sentido poético, marcada por um tom de vagueza e subjetividade... Os traços dos seus desenhos são vigorosos e seguros infundem aos seus trabalhos a ideia de movimento, de ação, de insatisfação, de vida agitada tumultuosa (idem)

Na visão do autor a concepção, que diz realísticas, não condiz ou se choca, com o que chama de vagueza e subjetivismo, não definindo claramente os elementos que permeiam a obra de Afrânio.

As palavras do autor sobre a obra do artista se encaixa na corrente estilística do expressionismo fazendo um paralelo com a obra de Hahnemman Bacelar – o que a trágica existência também fazer uma analogia.

As poucas linhas atribuídas pelo autor à análise da obra de Afrânio é importante salientar a proximidade com a escola Expressionista.

Engrácio faz, na verdade, com maior detalhamento, o perfil comportamental de Afrânio de Castro, tanto na primeira, quanto na segunda parte do livro. O que se deve salientar é a contextualização local que pode ser subtraída da narrativa do autor e dos depoimentos dos seus contemporâneos, o que se constitui em grande valor para pesquisa (PIBIC).

Moacir Andrade é um dos artistas com maior produção no Estado do Amazonas na década de 60. Reconhecido nacional e internacionalmente Moacir mergulhou na cultura amazônica para encontrar inspiração para sua pintura. Com variada produção o artista passou desde o expressionismo das obras iniciais passando pelo paisagismo regional até o estilo primitivo em que interpreta as lendas e costumes dos povos amazônicos.

Para Élon Farias, Moacir palmilhou vários caminhos. Do Suave paisagismo tradicional dos pintores da terra, ao abstracionismo universal e seus arredores. Jamais, porém, o artista deixou de perseguir, em sua jornada irradiante, a maturação de uma linguagem própria, pessoal e, ao mesmo tempo, coletiva, em termos de Amazônia e de povo. (CATALOGO, 1973)

A fraca produção literária sobre o período pesquisado demonstra a urgência na coleta e análise das informações diretamente com aqueles que participarão efetivamente da produção cultural do período estudado.

Até o momento, neste relatório parcial, está sendo demonstrado alguns aspectos dos trabalhos de alguns dos artistas mais importantes que atuaram no período estudado, sabendo que a

gama de artista e a produção das artes plásticas em geral é muito maior, ficando para posterior investigação demais dados sobre outros artistas que participaram deste fascinante corte cronológico.

DESENVOLVIMENTO

Até o momento deste relatório foram realizados, dentro do cronograma, as atividades propostas no projeto que vão desde o fichamento das obras literárias que fazem parte da bibliografia, levantamento de outras obras relevantes para esta pesquisa, apresentação oral parcial análise crítica da literatura produzida no Estado do Amazonas e pesquisa em periódicos nos arquivos públicos da cidade de Manaus.

Seguindo a metodologia do projeto, primeiramente foi feito levantamento de fontes e obras relevantes para a contextualização do corte cronológico que abrange esta pesquisa, criando assim, uma visão geral dos acontecimentos que influenciaram o pensamento dos artistas e intelectuais que atuaram antes, durante e depois dos anos 1960-65. Servindo assim de um apanhado de acontecimentos históricos que nos elucidam sobre os caminhos tomados até os dias atuais no que tange as artes plásticas no Estado do Amazonas.

Este levantamento de fontes e obras parte da contextualização Mundial, passando pelos acontecimentos relevantes no Brasil e finalizando nos dados do contexto regional. Entretanto, procurando apontar possíveis reflexos dos primeiros sobre a produção artística local com indicação da existência de grupos de artistas que tiveram uma produção importante para a história das Artes no Estado do Amazonas como o Clube da Madrugada, como também de artistas que produziram isoladamente.

Neste período, em seguida, foi realizada uma revisão resenhada de cinco trabalhos publicados sobre artistas amazonenses: 1. Livreto “Afrânio Castro - o quadro sem retoques”, de autoria de Arthur Engrácio, publicado em 1992 pelas Edições Governo do Estado do Amazonas; 2. Artigo “Cores de um meteoro”, de Otoni Mesquita, publicado na Revista Somanlu nº 1, editada em 2000, pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM; 3. Livro “Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense”, de Lara Nuccia Guedes da Silva, publicado em 2003 pela Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas; 4. Catálogos de Moacir Andrade, publicado em 1974 pela imprensa Oficial do Estado do Amazonas; 5. Catálogo de Hahnemann, publicado em 1981 pela fundação Cultural do Amazonas.

Esta revisão permitiu criar um olhar crítico sobre as fontes e obras disponíveis na Literatura amazonense e perceber a fraca produção de crítica em relação às artes plásticas, deixando sempre

lacunas na história local deixando superficial ainda os voos sobre o conhecimento dos artistas e seus legados.

Foi dado início a consulta e fichamento dos periódicos existentes nos arquivos públicos da cidade, que deverão ser complementados com informações provenientes de entrevistas com artistas e outras personalidades que, de alguma forma, atuaram no período.

E finalizando esta fase será realizada a sistematização dos dados com análise e comparação das obras, procurando identificar suas vinculações com as questões regionais, assim como sua atualização com o contexto nacional.

Até o momento é possível perceber a direção que a artes plásticas no Amazonas tomou a partir da ousadia de alguns artistas, apesar da defasagem com o eixo cultural dominante, formando uma nova maneira de pensar a arte local.

A partir do levantamento de fontes do jornal de circulação local "O Jornal" iniciando a pesquisa neste de 1960 até 1962, podemos constatar uma efervescência no setor das artes plásticas na capital do Amazonas cujos acontecimentos mais importantes deste período foram o 1º Salão de Arte Moderna do Amazonas, com a presença do renomado crítico de arte Mário Barata, e a Feira de Arte e Cultura que contou com a presença do poeta concretista Ferreira Gullar.

Podemos observar a atuação relevante de artistas como Moacir de Andrade, Óscar Ramos, Anísio Melo, Hannemann Bacelar, Afrânio de Castro entre outros, que movimentaram a cena local com exposições coletivas e individuais e participando de grupos como o clube da madrugada.

Para sistematizar as informações colhidas em "O Jornal" vou apresentá-las por anos consecutivos começando por 1960 e apresentar o cenário das artes plásticas no Amazonas. Observando que geralmente as atividades neste setor se iniciaram a partir do mês de março.

Outra contribuição relevante, que não pode deixar de ser citada, é a contribuição do clube da madrugada com sua coluna de domingo no caderno madrugada, onde seus expoentes podiam publicar seus poemas, crítica literária, crítica de arte e serviu de vitrine para produção de ilustrações de alguns dos artistas plásticos que fizeram parte deste notório clube.

No ano de 1960 alguns acontecimentos elevaram o nome do estado do Amazonas como O Prêmio "Viagem ao Estrangeiro" conquistado pelo Pintor Solon Botelho no Salão Nacional de Belas Artes (O Jornal, 04/03/1960), a exposição do Pintor Expressionista Moacir de Andrade no Rio de Janeiro patrocinada pela revista "O Cruzeiro" obtendo sucesso de crítica (O Jornal, 12/02/1960) e a abertura das inscrições para 1º Salão de Arte Moderna de Manaus (O Jornal, 15/12/1960).

Segundo o Jornal, sexta-feira, 04 de março de 1960, ...o pintor amazonense Solon de Botelho conquistou o "Prêmio de Viagem ao Estrangeiro", com uma tela magnífica... Para orgulho de nosso

Estado, Solon Botelho, antes de arrebatara mais esse grandioso troféu, já havia conquistado outros importantes prêmios no Salão Nacional de Belas artes.

A exposição do Pintor amazonense Moacir de Andrade foi muito bem acolhida pelo crítica e público da cidade do Rio de Janeiro. Em "O Jornal" de 12 de fevereiro de 1960, "exitos completos na exposição de Moacir Andrade, altas personalidades da administração pública e da sociedade carioca presentes à inauguração da mostra de pintura impressionista do nosso conterrâneo.

O final do ano de 1960 foi marcado por grande expectativa pela abertura das inscrições do 1º Salão de Arte Moderna de Manaus que se iniciaram em 15 de dezembro. Segundo O JORNAL (1960), o 1º Salão de Arte Moderna de Manaus, que contará com a participação de jovens artistas amazonenses, terá o mérito maior de ressaltar as novas concepções, os novos caminhos, a nova temática da arte moderna através da pintura, do desenho, da escultura, da tapeçaria, da cerâmica, etc., dos nossos artistas da nova geração.

A matéria ressalta, também, a participação de artistas como: Oscar Ramos, com desenhos, Moacir Andrade, com pintura, Luiz Verçosa, entre outros.

O ano de 1961 inicia-se com a abertura do 1º Salão de Arte Moderna de Manaus no dia 19 de janeiro na sede da Associação Amazonense de Imprensa. Contou com a presença do crítico de arte e catedrático em História da Arte da Universidade do Brasil, Mário Barata que proferiu a palestra intitulada "Análise Didática da Arte Moderna"

Dentre os artistas que expuseram no Salão estão Moacir de Andrade, Oscar Ramos Filho, Afrânio Castro, J. Ribeiro, Messias Couto, Sebastião Rosas Mafra, L. Verçosa, Jorge Marques, D. R. J. Penalber e Aquiles Barros, compreendendo desenho, pintura e escultura. (O JORNAL, 1961)

Sem dúvida que o 1º Salão de Arte Moderna de Manaus foi um dos maiores acontecimentos das Artes Plásticas do Amazonas na primeira metade da década de 1960, reunindo artistas com uma nova proposta e emoldurados de projetar o Amazonas no cenário nacional. Segundo a matéria de O JORNAL (1961), o crítico de arte Mário Barata ficou entusiasmado com a frequência numerosa do salão e deu destaque às obras de Oscar Ramos, Moacir de Andrade, Sebastião Lemos e Fernando Granjeiro.

Para Mário Barata o 1º Salão de Arte Moderna de Manaus pode ser considerado como providencial e surgido na hora justa, visto que correspondeu a uma ansiedade do povo amazonense que desejava evidentemente tomar contato mais efetivo com a pintura do nosso tempo. (O JORNAL, 1961).

FONTES E REFERÊNCIAS

Projetos Pibic.

ANDRADE, Keila Maria de Alencar Bastos e MONTEIRO Sheila Nunes. **Arquitetura de Manaus como vitrine de uma época 1850 - 1920**. projeto PIBIC - FUA/CNPQ. julho de 1995 a julho de 1996.

DAMASCENO, Juliana Silva e PORTELA, Jorgerlone Otaviano. **História das artes plásticas no Amazonas: 1900 a 1905** - projeto PIBIC - FUA/CNPQ . julho de 1996 a julho de 1997.

LIMA, Maria Gorete Firmino de .**História das artes plásticas no Amazonas: -1906- 1908** - projeto PIBIC - FUA/CNPQ. julho de 1997 a julho de 1998.

NASCIMENTO, Andrea de Souza. **A construção do espaço - a arquitetura oficial de Manaus - 1910-1920** - projeto PIBIC - FUA/CNPQ. julho de 1997 a julho de 1998.

LIMA, Maria Gorete Firmino de. **História das artes plásticas no Amazonas: -1908- 1910** - projeto PIBIC - FUA/CNPQ. julho de 1999 a julho de 2000.

AFFONSO, Luciane. **História das artes plásticas no Amazonas: -1940- 1950** –. projeto PIBIC - FUA/CNPQ. julho de 1999-julho de 2000.

Livros

CATÁLOGO. **Hahnemann Bacelar**. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1981.

CATÁLOGO. **Moacir Andrade**. Manaus: Imprensa Oficial, 1974.

COCCHIARALE, Fernando e GEIGER, Anna Bella. **Abstracionismo Geométrico e informal. A Vanguarda Brasileira nos anos cinquenta**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1987.

ENGRÁCIO, Artur. **O quadro sem retoque**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1992.

FUNARTE. **Abstração Geométrica 2**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988.

FUNARTE. **Projeto Arte Brasileira. Abstração Geométrica 1, Concretismo e Neoconcretismo**. FUNARTE, 1987.

FUNARTE. **Projeto Arte Brasileira. Modernismo**. Rio de Janeiro: 1986.

Os Movimentos Pop. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

REVISTA DE CULTURA VOZES. **Arte Latino-Americana, brasileira, carioca**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.

SILVA, Lara Nuccia Guedes da. **Panorama da Pintura Contemporânea Amazonense**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SOMANLU. **Revista de estudos amazônicos**, v1, nº1. Manaus: EDUA, 2000.

ZILCO, Carlos. **A Querela do Brasil. A Questão da identidade na arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcante e Portinari/1992 – 1945**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

